

Aureliano radicaliza disputa da prévia com Maciel

Rogério Coelho Neto *

Enquanto o ex-ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, visitava sexta-feira passada o arcebispo do Rio, Dom Eugênio Salles, no Palácio São Joaquim, o ex-ministro da Educação, Jorge Bornhausen, fazia contatos preliminares com os líderes do PFL do subúrbio de Bangu, como principal integrante da equipe precursora do senador Marco Maciel, um dos postulantes a prévia que o partido vai realizar dia 21 de maio para escolher o seu candidato à sucessão do presidente José Sarney.

Ao cardeal costumam ir, cumprindo uma antiga tradição, os candidatos em campanha e não os postulantes a prévias de resultado imprevisível. No roteiro de qualquer postulante interessado em ganhar prévias partidárias, Bangu é realmente um atrativo convite: o PFL do grande subúrbio carioca é constituído por 5 mil eleitores, o que o iguala, em peso decisório, ao Estado do Amazonas.

A diferença de comportamento entre Aureliano e Maciel, adversários na prévia do PFL — e que não podem mais ser convidados para uma mesma mesa

— é no tocante à postura e, porque não dizer, à esperteza. Presidente de honra do Partido da Frente Liberal e principal avalista da Aliança Democrática, que permitiu a vitória da chapa Tancredo Neves-José Sarney no Colégio Eleitoral das indiretas, Aureliano acha que já ganhou a indicação partidária e age como candidato em campanha. Maciel, que conhece o partido por dentro, como seu ex-presidente, portá-se, ao contrário do ex-ministro de Minas e Energia, como um postulante que tem noção de sua indiscutível força.

Crença — Desde do final da noite de domingo no Leme Palace, na Avenida Atlântica, Aureliano não chegou a encontrar o melhor direcionamento para a sua campanha de conquista de votos entre os eleitores filiados ao PFL. O ex-ministro das Minas e Energia foi surpreendido, terça-feira passada, com a decisão do senador Marco Maciel de também concorrer às prévias. Saía de uma palestra na Associação Comercial do Rio e reagiu com um breve comentário para o deputado Paulino Cicero, seu fiel escudeiro:

“Que patife.”

Mais tarde, diante de um tiroteio de perguntas de jornalistas, no curso de

uma entrevista coletiva, rosto fechado, Aureliano sustentou: “Minha convivência com o grupo dos senadores Marco Maciel e Jorge Bornhausen atingiu os limites do tolerável. Eu não postulei em nenhum instante a minha candidatura, mas fui convocado. Convalescia de uma pequena operação no pé, em minha casa de Belo Horizonte, quando o senador Marco Maciel me procurou e pediu para que eu aceitasse ser candidato.”

Bornhausen, no Rio, negou a versão de Aureliano de que foi convocado para candidato: “Ele mesmo sugeriu a prévia, através do Diretório Regional do PFL de Minas e da bancada mineira do partido na Câmara dos Deputados. Isso deve ser entendido como postulação e não como convocação.”

Festa — Enquanto Maciel articulava em Brasília a sua apresentação como postulante às prévias, Aureliano recebia no Clube Marimbás, um dos mais elegantes de Copacabana, uma homenagem das bases do PFL fluminense. A festa foi organizada pelo deputado federal Francisco Dornelles, que tem uma posição clara: “O partido tem de sair com um candidato próprio e respeitável para sacudir as bases. Não é possível a admissão do vácuo e a divisão do parti-

do, em vários pedaços, para venda no varejo.”

A um canto da ampla varanda lateral do Marimbás, os deputados federais Rubem Medina, Simão Sessin e Osmar Leitão Rosa conversavam com o ex-deputado Léo Simões, que foi secretário de Esportes e Lazer do governo Moreira Franco, sobre as dificuldades de apresentar Aureliano como candidato em subúrbios do Rio e nos municípios da Baixada Fluminense. “O candidato é pesado, bradava Léo”. O procurador do PFL na Justiça Eleitoral, Roberto Litimam, chegou-se à roda e comentou, alto e bom som: “Acho melhor a gente *collorir*.” Cunhava uma expressão para simbolizar o desejo de adesão dos pefelistas do Estado do Rio à candidatura do governador de Alagoas, Fernando Collor, em ascensão nas pesquisas de opinião.

No Rio, Aureliano chegou a programar uma visita ao município de Duque de Caxias, dirigido por um seu correligionário, Hidekel Freitas, que ganhou a prefeitura com 62% dos votos.

* Participou: Tadeu Afonso, da Sucursal de Brasília